

RESGATE

Um tesouro nos porões do Tesouro

São quase 5 mil obras de artistas como Volpi, Portinari e Di Cavalcanti que foram parar nos porões do Banco Central como forma de pagamento de instituições financeiras que quebraram. Agora, elas serão exibidas ao público no salão do 8º andar do edifício do próprio Banco Central

A MORTE DE LOTAR CHAROUX

O escultor, que já havia lhe pregado quatro bons suíços, levou segundo-ferro a pintor Lotar Charoux, aos 34 anos. Ele certa vez declarou que esperava morrer criando. E foi exatamente o que lhe aconteceu já que continuava a pintar em seu atelier no alto da Lapa. Ausência de Viena (onde nasceu em 1912) Charoux chegou a São Paulo em 1928 com a ideia de fazer esculturas com o tio Siegfried Mas. "Mas, assim todo como prego das matérias", escreveu após pelo desenho e pela pintura. Pouco badalado pela imprensa e crítica, Charoux fez uma mostra retrospectiva em 1974 no Museu de Arte Moderna de São Paulo onde expôs 300 obras. O pintor experimentou várias técnicas mas não se afastou de um propósito: "Sempre quis mostrar um tipo de criatividade e dele nunca me afastei". Com a sua morte talvez faça-se justiça e confirme-se esse seu frase de 1984: "O mercado de arte pode ser desleal, mas não é totalmente cego".



Mulher em Repouso, de Vasco Prado (à direita), e Freix, de Portinari (à esquerda). Tesouros da dívida pública que estavam estocados no 8º subsolo do edifício do Banco Central



Sringueiras (acima) e Descobrimento (abaixo), obras de Portinari. Duas das preciosidades que sobirão 14 pavimentos para serem exibidas aos contribuintes do Imposto de Renda

ERRAR É HUMANO



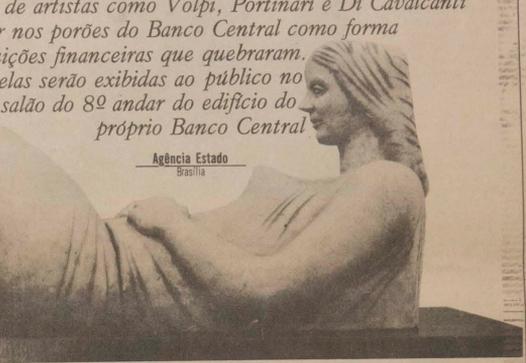
Esta é a foto que deveria ter sido na edição de ontem do Caderno 2 para ilustrar a legenda "Andy Warhol com o alemão Joseph Beuys, ambos mortos: uma dupla que alterou os conceitos da arte contemporânea".

No matéria sobre o lançamento do livro *Imagens da Dança* em São Paulo, publicada ontem no página 6, também houve um erro. A autora do texto é Cassia Neves Alves de Castro. Vera Carneiro e Linares Dias fizeram a seleção das fotos.

No 6º subsolo do edifício do Banco Central, em Brasília, estão guardadas as reservas em ouro da nação que, na semana passada, ninguém sabia dizer com certeza se estavam limitadas a um mero lingote ou se, como garantiu o presidente Sarney, eram de fazer inveja aos nossos credores internacionais. O que veio à luz, sem polêmicas quanto ao seu valor, é que nesse mesmo pavimento estão estocadas cerca de cinco mil obras de arte que pertenciam a instituições falidas e que foram repassadas ao Banco Central como forma de pagamento de dívidas.

Agora, todo esse fabuloso acervo de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras de alguns dos mais importantes artistas do Brasil, será mostrado ao público graças a um convênio assinado, no começo do mês, pelo então presidente do Banco Central, Fernando Bracher, pelo ministro da Cultura, Celso Furtado, e pelo governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira. Pelo convênio, o Banco Central se encarregará das exposições do acervo que serão realizadas no majestoso salão do 8º andar, reservado, até agora, para as solenidades de troca dos diretores da instituição — uma garantia de que o salão se encontra em boas condições, já que tem sido frequentemente utilizado nos últimos anos. O governo do Distrito Federal dará apoio às mostras que se realizarão em Brasília e a Fundação Pró-Memória dará assistência técnica às exposições.

Se as reservas do Banco Central estão em baixa, seu acervo de obras de arte, por outro lado, está em alta. De Volpi, por exemplo, estão estocadas, a 30 metros abaixo do solo, em Brasília, uma série de litografias cujo paradeiro era desconhecido até mesmo pelo próprio artista. De Portinari há também uma galeria de preciosidades: um painel de 3,90 X 4,93 metros denominado *Descoberto dos Pioneiros*, *Descobrimento*, outro quadro valioso, a tela *Anchieta* — *Poema Virgem* e ainda uma série inspirada em temas regionais — *Bumba-Meu-Boi*, *Vaqueiros do Nordeste* e *Baianas*. Apenas uma dessas obras valorizou, desde sua incorporação ao acervo do Banco Central, mais do que os títulos do Tesouro Nacional — hoje, ele está orçado em quase 5 milhões de cruzados.



Agência Estado Brasília

O acervo contém, ainda, raridades como o óleo *O Amanhacer*, da fase clássica de Volpi. Uma escultura de mármore — *Busto* — de Tarsila do Amaral deixará de ser privilégio dos visitantes da sala da presidência do Banco Central — e dos efêmeros ocupantes do cargo — para ser admirada por qualquer contribuinte do Imposto de Renda. Di Cavalcanti também tem telas que, por caminhos tortuosos, foram pagar dívidas de bancos quebrados com o Tesouro. Marcelo Grassman, Orlando Terraz, Guignard e outros também sairão dos porões do Banco Central para a luz do dia.

O conjunto das obras foi avaliado, para fins de seguro, em quase 8 milhões de cruza-

dos. Não é suficiente pra pagar sequer parte dos juros da nossa dívida externa. Mas, pelo menos, sairão dos depósitos do Banco Central para serem vistas em Brasília, uma cidade que, apesar da importância política, não dispõe de museus de arte à sua altura. O Itamaraty já tem planos para levar para fora a mostra, sem temer que as obras possam ser confiscadas por nossos credores no exterior. Afinal, quando o ex-presidente do BC, Fernando Bracher, deu sinal verde para o acordo, no princípio do mês, ele ainda não sabia que, 20 dias mais tarde, o mundo financeiro estaria discutindo as reais dimensões do rombo do porão onde estava guardado o acervo do Banco Central.

VOLTA



Ely Camargo acusa empresários e gravadoras de só trabalharem com quem está em evidência

Ely Camargo: longe da moda, perto do povo

Esquecida pelas gravadoras, ela busca um novo empresário e quer lançar disco novo

— jornalismo muito badalado na época. A oportunidade naquela ocasião lhe foi dada pelo radialista Caill Filho, então diretor da Rádio Tupi.

O apartamento dela é um pedacinho de Goiás encravado no centro de São Paulo. Pela sala, objetos de artesanato espalhados junto a enormes esculturas de madeira dão ideia do clima em que a cantora e pesquisadora folclórica Ely Camargo esteve envolvida nos seus 25 anos de carreira, 12 lps e inúmeras apresentações no Exterior.

Apesar de esquecida pelas gravadoras ela não quis dar a esta entrevista um tom de lamúria. Só lamenta a falta de espaço para o tipo de trabalho que sempre desenvolveu, longe dos modismos e perto das tradições populares de diversas regiões do País de onde recolheu catiras, congadas, modinhas, folias de reis e valsinhas. O trabalho dela chegou a lembrar o de uma garimpeira. Silencioso e detalhista resultou no achado de inúmeras pedras brutas e preciosas.

Nascida em Goiás Velho (a mesma cidade da poeta Cora Coralina), Ely Camargo desde cedo esteve envolvida com música. O pai, Joaquim Edison Camargo, chegou a ser um dos mais conhecidos maestros do Estado, regente da Grande Orquestra de Goiânia e diretor artístico da Rádio Clube da mesma cidade, onde Ely teve seu primeiro programa. E não foram poucas as vezes que a orquestra comandada pelo pai entoava num grande salão da casa onde morava com a família.

Ex-inspetora de escola normal e farmacêutica formada (sem nunca ter exercido a profissão), Ely Camargo chegou a São Paulo em 1962. Logo a seguir comandou um programa de meia hora nas noites de domingo (*Cantões de Minha Terra*), na Rádio Tupi, antes do Grande Jornal Falado, programa de rádio

o programa abriu porteiros para Ely. Começou a gravar seus Lps de música folclórica e a fazer shows. Foi aí que teve início sua coleção de 5 mil slides que retratam festas e reuniões populares em diversos cantos do País. Ao mesmo tempo ela gravava tudo e hoje filma em super-8. Seu arquivado é tão cobinado que até o lendário Marcus Pereira teve acesso a ele para organizar seus Lps sobre festas populares da região Centro-Oeste.

Mas a boa vontade com que Ely sempre abriu os seus arquivos também lhe trouxe dissabores. Não foram poucos os que utilizaram seu material sem sequer mencioná-la, que ela havia fornecido a matéria-prima. Mas Ely não guarda mágoas de ninguém. Quer apenas superar a dificuldade de conseguir um bom empresário ("Eles só querem trabalhar com quem está em evidência") e arrumar uma gravadora para bancar seu novo Lp. O último foi lançado há quatro anos pelas Edições Paulinas, com temas sobre a religiosidade popular.

De Pirenópolis, Goiás, passando por Ilhéus, Caruaru, Juazeiro do Norte ou Macaé, Ely Camargo registrou inúmeros pedacinhos de quebra-cabeça da tradição popular brasileira. Nunca chegou a completar o desenho final, mas está perto disso. Poucos como ela conhecem tão bem as festas populares. Apesar de ter tido a oportunidade de gravar músicas sertanejas e seguir carreira como intérprete desse gênero ela preferiu trilhar o da música folclórica. Sem concessões e com muita dificuldade. Mas acha que, como num poema de cordel, nunca é tarde para mudar o final da história.

EM CARTAZ NOS MELHORES GINEMAS OU EM SUA CASA

OPERA DO MALANDRO

Músicas de Chico Buarque

PRÊMIO DE MELHOR DIREÇÃO NO III FESTRIO PARA RUY GUERRA

Edson Celulari
Cláudia Ohana
Elba Ramalho
Ney Latorraca
Fábio Sabag

À disposição no seu fornecedor

EM VIDEOCASSETE

GORO VIDEO

A qualidade que você vê